

FOLHA COOPERATIVA

NÚMERO 3 • 2022

arco



- ESPECIAL JUVENTUDE E FUTURO • RESULTADOS DO CENSO DA ARCO 2022 • CONTOS DE JUVENTUDE: UTOPIAS E DISTOPIAS
- RESENHAS DE LIVROS DE SUSPENSE, ROMANCE E HQS

APRESENTAÇÃO

Entre escritas e escutas

Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução...
Machado de Assis

Se fosse possível transpor em texto o processo de construção de tudo o que está reunido aqui neste jornal, *seria tangível ao leitor* a procura persistente de cada palavra, a descoberta do som, do ritmo das sílabas, a confusão inaudível das formulações, o fulgor das ideias nascendo, criando ramos, aprofundando raízes, tornando-se reflexão, questionamentos, e se traduzindo em palavra, oral e escrita.

Seriam também palpáveis ao leitor os momentos partilhados de escuta atenta ao ouvir a voz do outro lendo as composições de cada um da sala sem revelar a autoria, fruindo cada história, vibrando quando a cadência dos parágrafos pareciam música aos ouvidos; do frio na barriga de se exteriorizar em texto, em voz; da vergonha-orgulho de ser interpretado e aplaudido pelos colegas; da alegria desconfiada ao contar o que se lutou para expressar, de estar exposto publicamente; do choro intruso que impede a voz de sair; do medo ansioso à espera da aprovação coletiva; da determinação incansável de reescrever buscando a forma perfeita, da celebração dos aplausos de reconhecimento...

Mas uma vez que não é assim, e sabendo que talvez nem o leitor mais sinestésico capturasse sensações de natureza tão distintas, já que o processo transborda e não pode ser congelado na página, cabe aqui o convite para conhecer o resultado desse processo e apresentar o produto final de um ano de retomada das aulas presenciais dedicado à escrita, à escuta e à reescrita.

É com muito orgulho que apresentamos a 3ª edição da nossa Folha Cooperativa!

Neste ano, pela primeira vez, o jornal está inteiramente dedicado aos trabalhos realizados em língua portuguesa pela turma do 8º ano de 2022.

Ao longo do período, o 8º se dedicou ao estudo de diversos gêneros textuais e o resultado pode ser lido a seguir nas reportagens, artigo de divulgação científica e resenhas críticas escritas com muito empenho e dedicação pelos estudantes.

Iniciamos com o *Clube do Livro* entre os alunos do 8º e da 2ª série do Ensino Médio. Para conhecer um pouco mais do acervo de nossa biblioteca, os estudantes podiam emprestar livros de qualquer tipo, de acordo com seus interesses e, depois, escreviam resenhas críticas tentando convencer os estudantes da outra série envolvida no clube a ler o livro que estavam recomendando. O processo foi muito



divertido, gerando resenhas em grupo e individuais, e finalizado num encontro entre as duas turmas, no qual liam suas resenhas tentando persuadir todos os presentes de que o livro indicado valia a pena ser lido. Algumas das resenhas mais votadas podem ser lidas na última página deste jornal.

Ainda no 1º bimestre, adentramos a temática do ano, “a juventude” ou o “desafio de tornar-se adolescente”. Os alunos pesquisaram sobre movimentos sociais da juventude dos anos 1960 e 1970, dentro e fora do Brasil e, em seguida, entrevistaram membros da família para descobrir mais sobre as experiências de juventude de seus parentes. As pesquisas e histórias compartilhadas podiam ser usadas por todos os alunos para criar seus próprios personagens num conto sobre utopias ou distopias (estávamos inspirados pela leitura do livro distópico *Vamos comprar um poeta*, de Afonso Cruz).

O mais interessante de todo esse processo foi perceber o orgulho de contarem as suas pesquisas e histórias de seus familiares para os colegas e depois ouvirem atentamente os contos inventados por cada um da sala, fazendo correções, sugestões, comentários e desempenhando o papel de curadores, selecionando os contos mais aplaudidos para serem publicados no jornal. Alguns dos contos escolhidos podem ser lidos a partir da página 10.

No 2º e 3º bimestre, iniciamos o Censo da Arco, um trabalho interdisciplinar de língua portuguesa, geografia e matemática. Estudamos sobre o Censo realizado pelo IBGE, e resolvemos fazer o Censo da nossa escola. Os estudantes elaboraram os objetivos da pesquisa, os

questionários, entrevistaram quase todos os alunos da Arco, tabularam as respostas, produziram gráficos, analisaram os resultados e, ao final, produziram um artigo de divulgação científica sobre a pesquisa. O artigo pode ser lido na página 09.

No 4º e último bimestre, criamos reportagens a partir de uma pesquisa do Instituto Datafolha publicada em outubro pelo jornal Folha de São Paulo, referente a expectativa dos jovens brasileiros sobre o futuro. A partir da análise desse texto, a turma foi dividida em quatro grupos e cada um escolheu um tema para aprofundar e pesquisar o comportamento dos estudantes de algumas séries da Arco sobre suas questões. Dessa vez, realizaram entrevistas abertas com alunos e professores cooperados que contribuíram para o entendimento do que a juventude espera do futuro. As reportagens dos grupos abrem nossa Folha Cooperativa e podem ser lidas a seguir. Finalizamos o processo com a formação de um conselho editorial para preparar esse jornal!

Para finalizar, é importante registrar um agradecimento especial a todos os colegas cooperados que tornam a vida mais possível e humana.

E, principalmente, obrigada a todos os estudantes do 8º ano que revigoraram um desejo já adormecido de que ainda é possível se encantar com histórias, escutas e escritas - mesmo sendo adolescente! Obrigada pela vivacidade e o engajamento com que encararam o desafio e a beleza de expressar os pensamentos e a própria voz.

POR Dani Maciel,
PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA.

ESPECIAL JUVENTUDE E FUTURO

Os jovens desistiram do Brasil?

Mais de 70% dos jovens dizem querer deixar o Brasil, indica Datafolha

POR Beatriz Feijó, Raul Moldan, Théo Iazzetta, Lara Rosalem, Tarsila Garofalo e Eva Bosquê

A reportagem “Céticos com o futuro, 76% dos jovens dizem querer deixar o Brasil”, publicada pelo jornal Folha de São Paulo em outubro deste ano, apontou que a maioria “dos jovens dizem ter muita ou alguma vontade de deixar definitivamente o Brasil”, destacando que, quanto mais jovem, maior era esse desejo.

Já na Arco, as coisas parecem bem diferentes.

O estudante da 3ª série do Ensino Médio da Arco Escola-Cooperativa, Arthur Guedes (18), afirma que não deseja sair do Brasil definitivamente, mas sim, para conhecer novas culturas, aprender sobre a vida, línguas e fazer uma faculdade lá fora. Questionado a refletir sobre o fato de a maioria dos jovens brasileiros quererem deixar o país, Arthur declara: “Acho que tem muitos motivos, mas talvez um pouco de ignorância e covardia no quesito fugir dessa loucura”.

A doutora em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (IP-USP) e professora da disciplina Grupo de Elaboração (G.E) na Arco Escola-Cooperativa, Ana Paula Musatti (45), diz que os jovens normalmente têm esses pensamentos de querer sair do Brasil. “Sempre escutei sobre jovens querendo sair do país”, afirma, “mas a maioria desses jovens naquela época (desde 1992) eram



movidos pela vontade de viajar e de conhecer novas culturas”. Ela explica que, na maioria das vezes, eles querem ir embora por conta do estreitamento de possibilidades, a dificuldade da vida aqui no Brasil e a falta de valorização de certas áreas de trabalho como as de direitos humanos e saúde. “Quem é muito jovem não está vendo um possível futuro aqui”, diz a doutora.

Segundo Luís Braga (65), pedagogo com formação em psicanálise e também professor de G.E na mesma escola, o momento difícil no país causa uma desesperança econômica aos jovens e pouca perspectiva sobre o futuro. Os outros países podem até dar um horizonte de melhora; porém, na maioria das vezes, as condições de trabalho também são ruins, trabalhando muito e ganhando pouco. O pedagogo acredita que as pessoas mais velhas tendem a continuar no Brasil por terem mais noção da dificuldade que a vida apresenta.

O estudante arcano da 3ª série do E.M, Erik Huanca (17), demonstra interesse em sair do

Brasil, mas não para morar definitivamente. “Eu me interessava muito por outras culturas e por conhecer novos lugares”, diz, principalmente, em relação aos países que têm ascendência, pois gostaria de resgatar a tradição de seus antepassados e ver seus parentes que residem no exterior. O interesse acadêmico também é presente, já que na última gestão política houve uma ameaça à gratuidade das universidades públicas e, para ele, isso é um absurdo. Caso saísse para fazer faculdade fora, seria para a Suécia, um país europeu ligado à sua família e raízes.

O desejo de viajar e trazer o melhor dos outros lugares para o país e melhorá-lo é maior do que o desejo de morar fora do Brasil para o também estudante da 3ª série Antônio Aschenbach, mais conhecido na escola como Tonhão. Ele não gosta da ideia de viver fora, pois já tem um grande conforto aqui. Prefere trazer cultura, tecnologia e conhecimento do exterior para deixar o Brasil melhor para todos, ao invés de abandoná-lo. Ou seja, tem o desejo de ajudar o país, destoando do que pensa a maioria dos jovens brasileiros entrevistados pelo Datafolha, que querem ir embora e ter uma vida aparentemente mais fácil fora daqui.

Os estudantes arcanos entrevistados estão entre os 25% que acreditam que o desenvolvimento do Brasil está junto ao futuro de suas vidas nos próximos dez anos.

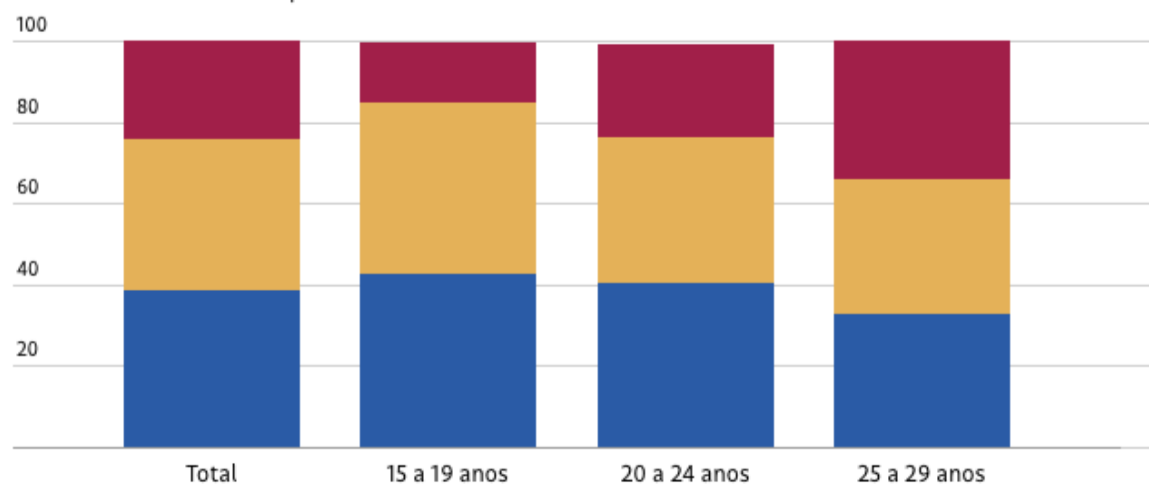
Talvez, só de pensarem assim, sem ir embora, já estarão ajudando o crescimento da nação sem pensar apenas em si mesmos. Isso demonstra que alguns estudantes da Arco pensam bem diferente do que mostrou a pesquisa do Datafolha.

Mas e você? Desistiu do Brasil?

Maioria deseja sair do Brasil para sempre

Em % do total - reposta estimulada

Muita vontade Um pouco Nenhuma



76% têm muita ou alguma vontade de sair do Brasil para sempre

ESPECIAL JUVENTUDE E FUTURO

A escola e o futuro: é possível ser feliz?



Será que a escola e o ambiente escolar impactam no bem-estar e na felicidade dos jovens no futuro?

POR Nina Menezes, Isadora Alencar, Tomé Figueiroa, Teresa Figueiredo, Luísa Costa e Juliana Lima.

Você já parou para pensar quanto tempo você passa ou passou na escola? Considerando que quase metade de nossa vida ficamos estudando, seja na escola, faculdade, pós-graduação ou outros cursos, um dos aspectos mais importantes da vida de um jovem se torna a formação escolar. A vida de um estudante está intensamente organizada pela escola e pelo o que nela acontece. Nessa fase da vida, nossas amizades, rotina, objetivos e conflitos costumam girar em torno deste ambiente que frequentamos diariamente, mas como o que vivemos na escola e no espaço escolar impactam no bem-estar e na felicidade do estudante?

Uma reportagem publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 15 de outubro de 2022, a partir de uma pesquisa feita pelo Instituto Datafolha, mostra que apenas 19% dos jovens acham que estudar é a melhor maneira de

entrar no mercado de trabalho e obter mais renda no futuro.

Já os jovens entrevistados da Arco Escola-Cooperativa pensam que os estudos são cruciais para ter uma boa renda no futuro. “A escola é essencial, estudar leva a bons trabalhos, dinheiro e felicidade”, afirma João Lucas (17), estudante da 2ª série do Ensino Médio.

O que, nesse ambiente, traz ou não bem-estar para os adolescentes e impactam sua

felicidade no futuro? Seria a relação de sociabilidade entre os estudantes ou um espaço focado prioritariamente nos estudos e nas expectativas sobre a formação? Ou seja, uma escola que acolha os estudantes ou que exija muito dele para passar no vestibular?

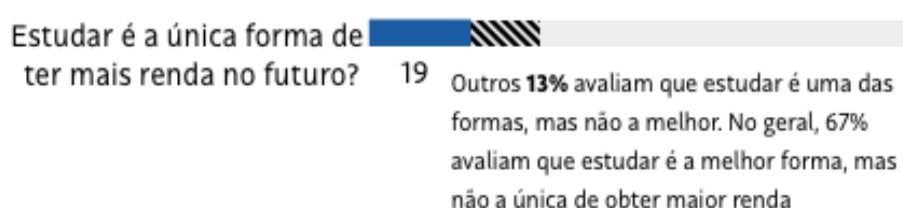
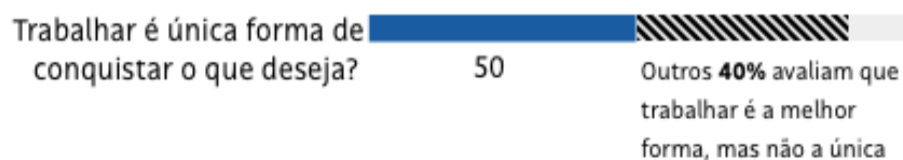
“O dinheiro é essencial para viver, mas não necessariamente para ser feliz”, diz João Lucas, apontando que a escola prepara o estudante para ingressar no mundo do trabalho da sociedade capitalista e isso ajuda a promover a felicidade da pessoa.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, 52% dos jovens brasileiros acreditam que a escola prepare-os para ser um bom profissional.

Para Irene Calheiros (17), estudante do 3º ano do Ensino Médio, o estudo é crucial para que as pessoas entrem no mercado de trabalho, consigam um bom emprego e tenham uma condição de vida saudável, o que, para ela, traria felicidade. No entanto, um ambiente escolar competitivo, que foque no vestibular e na “decoreba” de conteúdos, preocupado apenas em preparar o estudante para os exames de ingresso na universidade, “robotizando-o”, não traz felicidade. A estudante observa ainda que toda a escola proporciona sociabilidade e interação, que é um dos aspectos que deixam os estudantes felizes. “Todo mundo tem muito da felicidade moldada por bens materiais. Eu sou muito feliz porque tenho condições de ter uma casa relativamente grande, um quarto próprio, um celular bom, condições de viajar e de fazer programas legais, e isso são partes da minha vida que me trazem felicidade”, afirma ela. “Por mais que exista toda essa fantasia de ‘você não precisa de dinheiro para ser feliz’, precisa, sim, a gente

Trabalho x educação

Em % do total - resposta estimulada



Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

Escola o preparou para ser bom profissional?

Em % do total*

■ Sim ■ Não



*Concorda ou discorda plenamente ou em parte. Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

vive numa sociedade capitalista, onde dinheiro compra felicidade, sim”, conclui.

O mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de música e Teoria Social na Arco Escola-Cooperativa, Leonardo Cordeiro (29), afirma que felicidade depende da interação do estudante com o grupo social e que os estudos podem ajudar a enfrentar a desigualdade do sistema capitalista, que, de acordo com ele, é a razão da infelicidade. Cordeiro aponta que o espaço escolar tem forte impacto no futuro do estudante. “É simplesmente uma grande mentira do nosso tempo dizer que se os jovens

estudarem eles vão melhorar de vida. Se os jovens estão estudando e o mundo piorando, a escola não é garantia de nada”, diz ele.

Luís Braga (65), pedagogo, psicólogo e professor da disciplina Grupo de Elaboração (GE), também afirma que “há duas coisas que desestimulam a esperança de um futuro melhor em um jovem com baixas condições financeiras: uma escola em condições precárias e um ambiente escolar tóxico.”

Quem se aprofunda no assunto da toxicidade nas escolas é Pedro Braga (17), estudante da 3ª série do Ensino Médio. Para ele, “é importante,

em uma escola, que a equipe de profissionais esteja mais próxima aos alunos dando atenção a eles e cuidando das relações dos estudantes entre si”. Ele compara as condições de sua escola atual com a de sua escola anterior: “A Arco tem um ambiente em que me sinto confortável. A ausência de diretoria faz com que os professores consigam expressar melhor as ideias deles. Além disso, não parece tanto um ambiente escolar, mas sim familiar. Se eu tivesse continuado a estudar na minha escola antiga, não teria feito tão bem pra mim”. Pedro descreve as relações entre os alunos como tóxicas, onde acontecia muita fofoca e a escola não dava atenção para isso.

Cotidianamente nos deparamos com denúncias de racismo, casos de depressão, ansiedade e até suicídio no ambiente escolar. Compreender o que está acontecendo com os jovens ainda é um grande desafio. A pergunta que fica é: será que as escolas estão tão focadas em fazer os alunos decorarem materiais e passarem no vestibular, que acabam esquecendo de uma parte muito importante, o estado emocional dos estudantes e a relação deles entre si?

Talvez seja a hora de rever a função da escola.

O espaço escolar precisa ser acolhedor para seus alunos e o papel da escola deveria ir muito além do estudo acadêmico. A escola precisa educar os alunos para se respeitarem, criando, assim, um ambiente onde o bem-estar do estudante também seja uma prioridade. Quem sabe, então, os jovens não tenham tanta desesperança no país.

O futuro dos jovens irá melhorar? E o Brasil, como fica?

Pesquisa do Instituto Datafolha mostra que jovens de 15 a 29 anos acreditam ter um futuro financeiro muito melhor, porém, veem o Brasil em uma situação pior.

POR Amélie Belo, Vinícius Dogo, Pedro Couso, Kathleen Oliveira e Ana Cuara Cavalcante

A mesma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha aponta que a maioria dos jovens brasileiros não acreditam que em 10 anos a situação do Brasil melhore, porém, acreditam que sua condição pessoal avance.

É possível observar no gráfico acima que apenas 25% dos jovens brasileiros vê a situação futura do Brasil muito melhor e, 37%, enxergam a situação do país “um pouco melhor”.

Entretanto, 67% desses jovens confiam que seu futuro pessoal estará muito melhor daqui a 10 anos, mesmo que a situação do país não acompanhe esse mesmo sucesso. Esses jovens também acreditam que estarão “muito melhor” em relação à situação dos seus pais.

Mas qual será o comportamento dos jovens arcanos em relação a esses dados?

“Acho que a minha condição financeira vai melhorar, quero arranjar um trabalho logo”, diz o jovem do 9º ano da Arco Escola-Cooperativa, Francisco Ayer (15). Por outro lado, “acho que a minha condição financeira vai ser pior do que a dos meus pais, porque eles ganham muito dinheiro, mas gastam muito também”, afirma ele. O estudante diz que não tem certeza de nada e não sabe o que quer fazer da vida. “Realmente não faço ideia de como vai ser. Acho que vai ficar meio igual, vou ficar na mesma classe social que estou agora, mas, ao mesmo tempo,

acho que estou me jogando no mundo, penso que vou encontrar muita dificuldade.” Talvez seja difícil para os jovens menores de 18 anos afirmar que sua condição estará melhor.

A situação política do país também influencia muito nas respostas. “Eu acho que a situação brasileira vai melhorar, assumindo que o Lula seja eleito”, diz Ayer. O estudante confia que o candidato Luís Inácio Lula da Silva contribua para reverter esse quadro, com a esperança de que o país melhore.

A estudante da 3ª série do E.M. Mariá Bolognesi (18) relata que “com 18 [anos] ainda existe uma esperança muito grande, você tem uma opinião política, mas não consegue mesclar com o seu sonho, mas não sei o que uma pessoa com 25 anos acha que vai acontecer com a política e tudo mais. Com menos de 18 anos ainda tem um sonho muito forte”. Ela afirma que, “conforme você vai crescendo, vai se deparando

com as dificuldades, que é se sustentar, ter um plano de vida... e isso é triste até num ponto, que é uma quebra de esperança, que algo que você pensava que ia estar melhor, na verdade não tá”.

De todo modo, Bolognesi acredita que os jovens estão perdendo a confiança no país e, nesse quesito, Alvino de Sousa, estudante da mesma série, é categórico: “mesmo que a gente vença essas eleições [no caso, o Partido dos Trabalhadores (PT)], tudo vai continuar uma bosta, vão continuar fodendo a gente”. Apesar da pouca esperança no país, ainda acreditam que há uma chance individual.

Os especialistas procurados pela redação não demonstram indignação com o resultado da pesquisa: “É preocupante, mas não me espanta o resultado ter sido tão discrepante [o sucesso pessoal ser bem melhor em relação à situação do país]. A gente não vive uma boa situação, mas a expectativa é de que vai ficar tudo bem”, afirma Thaís Lima (35), mestre em psicanálise e professora de Grupo de Elaboração (G.E) na Arco. Para ela, isso pode ser explicado pela ideologia neoliberal presente em nossa sociedade: “acho que uma questão que vários filósofos andam pensando ultimamente é em uma lógica neoliberal, que é transposta para o cotidiano e como pensamos sobre nossa vida a partir dessa lógica de que as pessoas são responsabilizadas pelo seu sucesso, ‘eu sou capaz se eu me esforçar’, mesmo sendo de uma classe baixa”. Lima conclui: “é como o famoso ditado, ‘querer não é poder’. Esperar que a situação no futuro irá melhorar, é uma coisa, melhorar, é outra, afinal, os dados existentes em relação ao país mostram o contrário, as pessoas dificilmente saem de sua situação atual”.

Leonardo Cordeiro (29), mestre em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de música e Teoria Social na Arco, tal como Lima, também considera compreensível o resultado da pesquisa do Datafolha. “é como se fosse um funil, eles sabem que as coisas estão piorando, mas sabem também que têm uma pequena chance de se dar bem. Mesmo estando tudo uma merda, se esforçam para pisar em cima dos outros para se dar melhor”.

Tanto Cordeiro quanto Lima se referem à lógica meritocrática [de que vença o melhor] e



neoliberal que estamos vivendo. “Todo mundo espera uma vida melhor, mesmo que o mundo esteja piorando, todo mundo quer estar na pequena parcela que se dá bem, mesmo com o país piorando”, diz. O filósofo acrescenta que “é muito difícil a gente aceitar que a nossa trajetória irá piorar, pensar que as possibilidades de melhora são pequenas. Deve bater um desânimo, mas devemos procurar outras maneiras de viver sem ser só pelo sucesso financeiro”.

Para o estudante Sousa, entretanto, parece óbvio que sua situação esteja melhor futuramente: “eu acho que a minha condição financeira vai estar melhor do que a do meus pais, porque agora eu estou tendo oportunidade de estudar mais que eles, meus pais não fizeram o ensino médio”. Ele acredita que “agora o acesso à internet e à educação aumentaram muito desde a época dos nossos pais e isso traz muito mais trabalho e formas de ganhar dinheiro do que antigamente”.

Talvez esse quadro possa ser analisado ao lado de outro dado apontado pelo Datafolha, segundo o qual a maioria dos jovens não acredita mais que estudar seja a única forma de

melhorar sua situação financeira [conforme gráfico apresentado na 1ª reportagem (podemos dar o número da página depois)].

Em pleno século XXI, estamos assistindo a diversas formas de ganhar dinheiro que independem de uma formação acadêmica específica, como: *digital influencer*, *youtuber*, investindo em jogos de criptomoeda, pelo *Paypal*, *TikTok*, *Instagram* etc. Os horizontes para o trabalho estão muito mais ampliados, diferente de antigamente.

Fatores como idade, condições financeiras, ideologias neoliberais e meritocráticas, medo, avanço tecnológico, esperança, desesperança, parecem guiar o comportamento dos jovens hoje em dia.

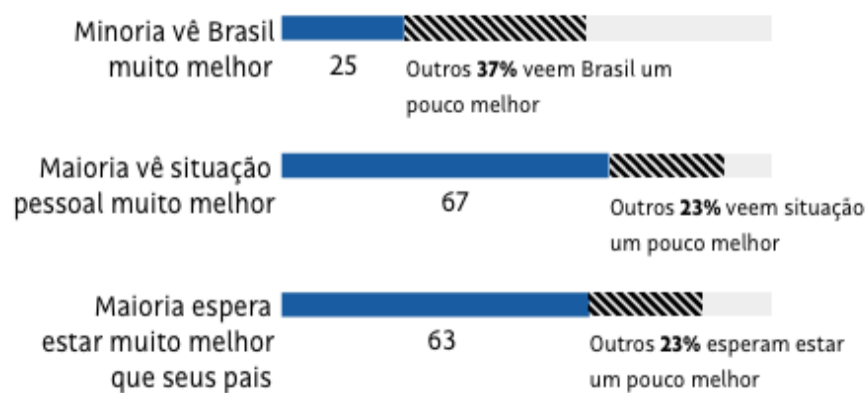
Vocês já viram aqueles vídeos motivacionais de alguém que era muito pobre e depois venceu na vida se tornando muito rico? Então, esse é um meio que o capitalismo usa para “comprarmos” essa ideia. O que não mostram é que geralmente trata-se de alguém que venceu na vida trabalhando, mas é, praticamente, um em cada um milhão que vai ter a sorte de ficar muitíssimo rico alterando totalmente sua condição anterior. O capitalismo faz as pessoas acreditarem que, se seguirem trabalhando, buscando apenas vencer na vida, irão conseguir, como se fosse uma somente uma questão de maior dedicação, habilidade, força de vontade etc.

Será que nossa sociedade é composta por quem faz propagandas enganosas *versus* quem acredita nessas propagandas?

Fato é que a situação coletiva não é uma preocupação para esses jovens, o capitalismo e o neoliberalismo faz com que olhem somente para si, para o indivíduo, para uma forma pessoal de crescer e obter sucesso na vida. Mas aí fica a pergunta: de que adianta ganhar muito dinheiro e vencer na vida, se seus colegas, amigos e família continuarem na pior?

Situação do Brasil e pessoal daqui a 10 anos

Em % do total - resposta estimulada



Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

ESPECIAL JUVENTUDE E FUTURO

Crise econômica causa desesperança nos jovens

Quanto o individualismo tem afetado as iniciativas de mudanças para as novas gerações?

POR **Cora Monte, Maria Julia Vieira, Eduardo Canella, Matteo Morettini e Caetano Romero**

“Desde o século XX havia uma tendência da geração futura avançar em relação à anterior, sair do campo para cidade, era um sonho de que assim a vida poderia ter um rumo. E isso vai seguindo, após a Primeira Guerra [Mundial], com o avanço da escolaridade, tendo sempre esse pensamento de superação pela geração futura”, afirma Danilo Nakamura (38), professor de História da rede municipal e da Arco Escola-Cooperativa. “Isso é algo que foi herdado até os dias recentes; os jovens ainda creem que vão superar seus pais (67%), tanto em suas carreiras quanto em sua situação financeira. Essa meta afeta muito o que pensam que será

sua felicidade em dez anos”. Porém, reforça Nakamura, “a questão é pensar como, nesses anos de crise econômica que vivemos, os jovens continuam pensando desse jeito”.

O historiador compreende que devido à pandemia da Covid-19 e o avanço da crise econômica mundial, os jovens brasileiros têm perdido a esperança de prosperar no Brasil, achando que a única saída é ir embora definitivamente do país.

Entretanto, Nakamura explica que “sair do país é uma idealização, uma possibilidade, mas que ao mesmo tempo não garante nada. Não é o Brasil que está em crise, a gente está em crise mundial do capitalismo”. Para ele, trata-se de “uma falência de uma crença de que o país daria certo, e uma aposta na meritocracia” [pensamento que funciona à base do mérito individual].

Como será que esses tipos de expectativas influenciam nos sonhos dos jovens brasileiros junto às crises econômicas, ao avanço do neoliberalismo [doutrina socioeconômica que visa ao individual, à privatização, que subsume o coletivo aos interesses privados] e à lógica meritocrática?

A pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, publicada na reportagem “*Céticos com o futuro, 76% dos jovens dizem querer deixar o Brasil, indica Datafolha*”, no jornal Folha de São Paulo, apontou que ter estabilidade financeira, uma vida confortável, ficar rico está entre o principal desejo dos jovens brasileiros (20%), seguido por ter uma casa própria ou para a família (16%). Para 15%, ter sucesso, bom emprego e boa remuneração é o que mais desejam e, somente para 8% desses jovens, ter formação escolar e terminar os estudos é objeto de desejo.



O que os jovens mais desejam

Em % do total - resposta espontânea e única



Fonte: Pesquisa Datafolha com 1.000 entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos em 12 capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia, Brasília, Manaus e Belém). A margem de erro é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Para a psicanalista Thaís Lima (35), que trabalhou por dez anos na secretaria de Serviço Social na área e violação de direitos da criança e do adolescente, é importante questionar “o que é estabilidade financeira e de que tipo de jovem estamos falando, de jovens classe média ou de jovens de algum abrigo?” Para ela, é preciso pensar que jovens com diferentes repertórios possuem diferentes considerações sobre o que será sua felicidade em dez anos.

Tanto Lima quanto Nakamura concordam que a idealização de querer sair do Brasil tem a ver com a atual descrença dos jovens. Com o avanço de ideologias como o neoliberalismo e a meritocracia, os jovens cada vez mais pensam apenas em si mesmos e que, portanto, a única saída é sua salvação individual.

Agora, será que os alunos da Arco Escola-Cooperativa também pensam assim?

Felipe Leme (18), estudante da 3ª série do Ensino Médio – mais conhecido como Fibas –, acredita que terá estabilidade financeira no futuro e discorda do resultado da pesquisa. “Felicidade é estar junto dos amigos,

conseguir aproveitar, se sentir cansado após um longo trabalho. Condição financeira tem a ver com felicidade no sistema que vivemos, certos privilégios que nos proporcionam felicidade só são possíveis com dinheiro, conseguir pagar o ônibus para ver um colega, pagar um ingresso para ver um filme. É totalmente um privilégio que o dinheiro pode proporcionar”. Mas para o estudante, a felicidade não está só no dinheiro.

Para Kátia Santos (16), estudante da 1ª série do E.M, “o dinheiro afeta, sim, a felicidade, mas não totalmente, o dinheiro te ajuda a fazer as coisas que te deixam feliz, mas ele não é a chave central”. Para ela, “um grande medo que a gente tem é saber se vai estar estável no futuro ou não”. Santos conclui que sua situação financeira no futuro afetará sua felicidade, mas que não será o único motivo para estar feliz, pensa que sua carreira terá grande peso nesta questão.

Já para Martin Tristão (14), aluno do 9º ano da Arco, seu futuro é mais incerto, não sabe direito que caminho quer seguir. “Acho que

sim, a estabilidade financeira influenciará minha felicidade. É que, como não sei o que eu vou fazer, fico em dúvida sobre a minha estabilidade futura”. Pensar no futuro não é uma prioridade para o estudante: “Eu odeio pensar no futuro, isso é algo que eu não quero fazer, não porque eu não preciso. Eu tenho meus interesses, mas gosto de pensar no presente”. Ele também concorda que o dinheiro não é a única chave para ser feliz. Para Tristão, ser feliz é estar bem mentalmente.

Quem parece pensar de modo semelhante ao estudante do 9º ano é Antonio Botelho (19), mais conhecido como Tonhão, estudante da 3ª série do E.M. Para ele, felicidade é estar bem fisicamente e mentalmente e acredita que o dinheiro é dispensável para essas duas questões. Sobre morar fora do Brasil, ele acredita que haja “vantagens e desvantagens, eu acho que tentar me jogar mundo afora é uma opção. Mas, não vejo sentido abandonar tudo que tenho aqui pra ir para outro país”. Quer sair do Brasil para poder trazer as tecnologias do esporte que pratica [patinete] para seu país, aproveitar o que o exterior tem de oferecer e implantar aqui.

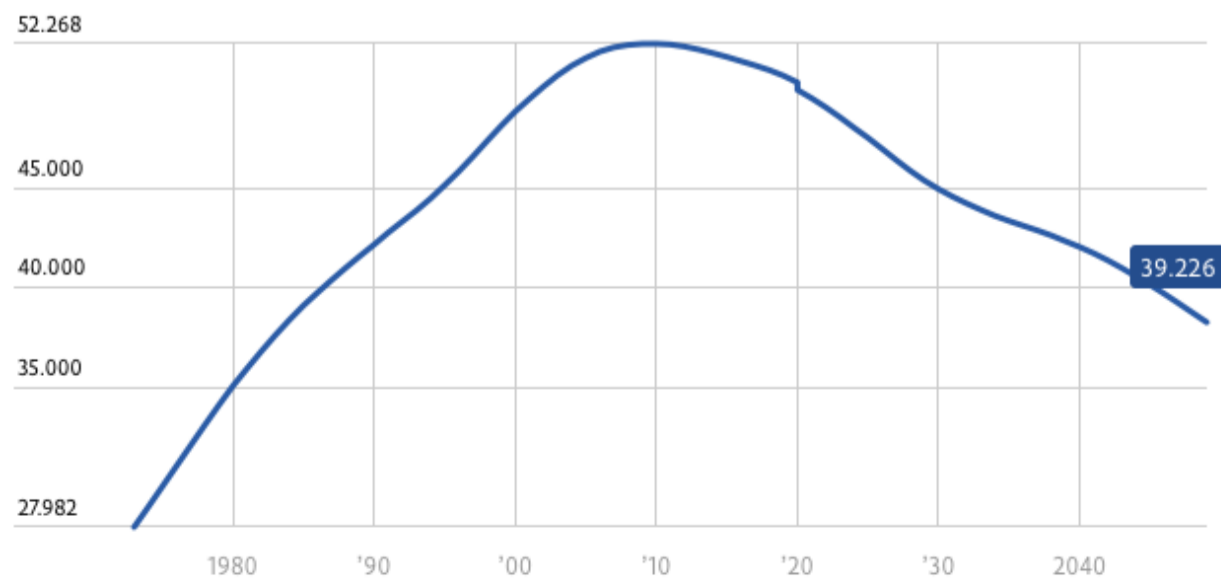
É possível perceber como há diferentes visões em nosso país, e cada realidade faz com que vejam as situações de forma diversa, pois há muitos jovens que entendem a crise em nosso país, mas ainda acreditam que haja outras saídas, não apenas individuais, mesmo que isso seja minoria.

Será que com o passar das décadas os jovens também pararam de acreditar que uma solução poderia ser feita por eles próprios, juntos? O ânimo para revoluções foi se perdendo, fazendo com que cada vez se tornem menos esperançosos.

O que será preciso fazer ou acontecer para que os jovens voltem a acreditar que podem mudar suas realidades e que isso não será feito de forma individual? Talvez se fossem feitas mais campanhas e programas sociais para reviver esses sonhos, a esperança dos jovens no país voltasse, finalmente, pensando em saídas coletivas.

Total de jovens está caindo no país

Em milhões*



*A partir de 2021, estimativa da ONU. Fonte: FGV Social/CPS a partir dos microdados do IBGE, Gallup World Poll e Nações Unidas

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CENSO DA ARCO

A verdade sobre os alunos da Arco

Censo da Arco revela aspectos interessantes do comportamento estudantil

POR **Raul Moldan, Beatriz Feijó, Théo Iazzetta, Vinícius Dogo e Tomé Figueiroa**

Planejamento ou medo do futuro, relação entre estudantes e cooperados, nível de informação, orientação política... é isso que você encontrará no Censo da Arco, um projeto para conhecer melhor os estudantes de nossa escola!

Essa pesquisa foi fruto de um trabalho interdisciplinar entre as matérias de Língua Portuguesa, Geografia e Matemática, realizada para a comunidade arcana saber mais sobre seus membros e, no futuro, provavelmente, tomar decisões baseadas nisso.

O método adotado no final do segundo bimestre pelos recenseadores arcanos consistiu em separar os alunos do 8º ano em duplas para aplicar os questionários, também formulados por eles, que continham 18 perguntas com alternativas fechadas, divididas em 4 subtemas:

- Comportamento e referências culturais;
- Relações dos estudantes com o espaço, com os professores e entre si;

- Informação/engajamento em questões sociais;
- Relação com o futuro/profissão.

De acordo com o Censo, a maioria dos estudantes da Arco se interessa mais em seguir uma carreira artística no futuro. Entre os estudantes do 6º e 9º anos do Fundamental 2 e da 2ª série do Ensino Médio, foi essa a opção mais escolhida, diferentemente da 1ª série do E.M que, por sua vez, registrou apenas 2 pessoas com preferência em seguir carreira artística.

A pesquisa aponta também que a maioria esmagadora dos estudantes entrevistados afirma manter uma relação equilibrada com os cooperados, segundo o resultado, nem tão acadêmica nem tão pessoal, contendo apenas uma discrepância entre homens da 2ª série do E.M, que afirmam manter relações mais acadêmicas do que afetivas com os professores/cooperados.

Com o resultado da pesquisa foi possível descobrir que um estudante arcano dorme, em média, de 6 a 8 horas por dia. Será que este é considerado um sono saudável?

Outro resultado descoberto foi que, com o passar dos anos, os estudantes arcanos tendem

a temer com mais frequência o seu futuro. Será que isso pode ter alguma relação com o término da vida escolar?

O Censo foi realizado também com o objetivo de fazer os estudantes pensarem sobre seu convívio e situações cotidianas em nossa escola.

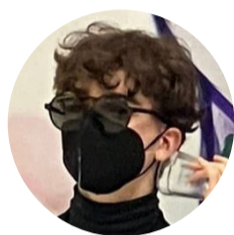
Como podemos usar essas respostas para melhorar nossas relações na Arco?

O estudo não acaba aqui! Para conferir o resultado completo da pesquisa, acesse o QR Code



CONTOS DE JUVENTUDE: UTOPIAS E DISTOPIAS

A uma guitarra de distância dos nossos sonhos



POR **Raul Moldan**

Tudo começa em Londres, dia treze de junho, quando o empresário Santana volta de uma viagem de negócios muito mal sucedida, pois tinha ido para Vitacura tentar criar uma banda de rock 'n' roll e assim cumprir seu sonho de vida. Quando voltou de sua pacata loja de artigos de rock, em Londres, ainda estava com a ideia fresca de formar uma banda na cabeça como um copo de suco que acabou de sair da geladeira, uma bala de menta diluindo no céu da boca, o sangue da palma da mão de uma mulher virgem, as lágrimas de um jovem incompreendido pela sociedade ou até os ovos de tartaruga que serão abandonados pela mãe aos órfãos largados e marginalizados pela sociedade (desculpa pessoal me empolguei um pouco com o momento emocionante, vamos voltar para história)... Nesse momento ele viu um jovem com um pequeno moicano pintado de verde neon, roupas pretas de couro com ponteiros de metal; parecia ter por volta de dezenove anos e por essas características distintas, decidiu falar com ele.

— Ei, você do cabelo verde, quero falar com você! chega mais — Disse Santana, apondo para o jovem, chamando-o.

Sem saber, o garoto faz a melhor escolha de sua vida indo até o balcão falar com um homem misterioso que apareceu dos fundos de uma loja barata de rock.

— Eae cara — disse o empresário. — Qual seu nome? Eu nunca te vi por aqui.

— Meu nome é Joseph Johann Jaguar Magnabosco Benassi, ou só Jaguar, se preferir — disse em um tom preguiçoso — Por que a pergunta?

— Você parece a pessoa certa! — disse Santana em um pulo — Ei, Jaguar, por acaso você gostaria de participar de uma banda de rock?

— Quero sim — disse o jovem de um jeito confiante. — Mas você vai ter que me bancar, eu fugi de casa e meu dinheiro está no fim.

— Então tá certo, começamos amanhã — avisou Santana muito animado. — Hoje é o seu último dia na rua ou onde quer que você esteja dormindo.

No dia seguinte, Jaguar voltou para a loja e encontrou Santana junto com um cara descabelado segurando uma guitarra, conversando intensamente sobre algum assunto que parecia importante.

— Olá, Jaguar, esse é o nosso novo guitarrista — falou Santana. — Ele se chama Cazuni e vai completar o nosso grupo.

Cazuni analisou o nosso astro ponta a ponta antes de cumprimentá-lo.

— Beleza, mano? — disse o novo guitarrista. — Acho que vamos nos dar bem nessa banda e fazer muito sucesso!

Ele parecia animado com a ideia da banda e tocar para todo o mundo, pelo menos foi o que pareceu, pois naqueles olhos animados tinham trevas e melancolia tentando se esconder do mundo real.

— Ótimo, agora que vocês se conheceram, vamos começar a tocar hoje mesmo! — disse o empresário muito entusiasmado. — Temos um show marcado para hoje à noite.

— Espera aí!!! A gente ainda nem ensaiou! — disseram os dois músicos em uníssono.

— Não importa, meus caros, eu passo as partituras e vocês dão um jeito, né? — disse Santana. — Mesmo se não derem o jeitinho metaleiro de vocês, esse show é só um teste.

— Que se foda se é um teste ou não, nós vamos deixar os espectadores de queixo caído!!! — falou Cazuni exaltado. — Todos vão aplaudir de pé a nossa música e colocar pôsteres com nossos rostos!

— Ok, mesmo se a vida fosse um conto de fadas assim como você diz, temos que decidir o nome da banda e qual música vamos tocar — disse Jaguar debochando do companheiro.

— Isso eu já tenho comigo, meus jovens — continuou Santana, entregando uma folha para os dois integrantes. — Está tudo aí no papel.

Era uma folha meio amassada e com diversas marcas de borracha, parecia uma partitura de outra música que foi adaptada às pressas e sem muita revisão.

— “Fatal Pistols” é o nome que você escolheu para a banda? — perguntou Cazuni, perdendo a agitação de minutos atrás. — Não importa, é o que tem pra hoje.

— Caramba, Santana, que música genial! — exclamou Jaguar, parecendo uma criança ao ver um pirulito colorido. — De onde tirou tanta genialidade?

— Eu apenas dei uns retoques em uma partitura que eu achei dentro de uma caçamba ao



lado de um orfanato — contou Santana com a bola toda. — Mas isso é irrelevante agora pois tenho que falar mais sobre o show.

O empresário entregou aos artistas panfletos com as informações do show.

“O melhor show punk de toda a sua vida! Ele acontecerá dia 14/06 meia noite em ponto, lá se apresentarão: Fatal Pistols, Platinum Dolls, Punk Diamonds e The Eremites”.

— Nossa, está quase na hora do show! — disse Cazuni em um susto.

— Eu sei, entrem já no carro futuros astros do punk — falou o empresário orgulhoso de uma banda que nunca ouviu tocar.

Chegando ao show, a banda recém formada faz um pequeno ensaio atrás do palco e a música que foi entregue aos dois é extraordinariamente boa, fazendo os jovens músicos se sentirem confiantes o suficiente para serem os primeiros a se apresentar no palco.

Nota após nota, palavra após palavra, foi cantada a incrível melodia adaptada por Santana e a plateia foi ao delírio, gritando o nome da banda sem parar. Depois de todas as bandas tão improvisadas quanto a do nosso protagonista tocarem, o apresentador foi ao palco.

— Por decisão de nossos jurados, que optaram por esconder suas identidades, a banda vencedora é a Fatal Pistols!!! — anunciou o apresentador, entusiasmado. — E nesse ano o grande prêmio para a melhor banda é uma vaga para tocar no Knebworth Festival!

A plateia ficou em silêncio por alguns instantes e logo depois comemorou loucamente, pois esse era o maior festival de música punk da época.

— Você tem algo para falar aos seus novos fãs? — perguntou o apresentador.

— A banda de dois dias venceu todos esses ensaiadinhos, por isso até esses preguiçosos no canto da plateia podem ser alguém, porque vocês estão apenas a uma guitarra de distância dos seus sonhos!!! — gritou Jaguar, cheio de empolgação.

O público todo aplaudiu as palavras de nosso recém astro do rock e terminou o show sem brigas, o que nunca acontece.

Depois desse dia, a vida do nosso protagonista e seus amigos mudou para muito melhor. Eles tocaram no Knebworth Festival e ficaram mundialmente conhecidos como os ídolos do punk rock. Até nos dias atuais, os Fatal Pistols fazem sucesso, mesmo estando aposentados e o Santana, descansando em paz.

CONTOS DE JUVENTUDE: UTOPIAS E DISTOPIAS

O último suspiro



POR Ana Cuara Cavalcante



Lá, deitado no chão, imerso em meu próprio sangue, só conseguia pensar: será que aquele seria o meu fim? Enquanto pensava, vi a minha vida inteira passar diante dos meus olhos. Ouvia um som grave, acho que são tiros ou bombas em meio a uma guerra, acho que não poderia esperar outra coisa...

Dois anos atrás, era 2203, eu tinha só 15 anos quando começou a terceira guerra mundial. Dia oito de abril fui convocado para lutar na guerra. Eu morava no orfanato 93.432, um dos maiores orfanatos da América Latina, um orfanato “modelo”, como diziam. Na verdade, eu gostaria de ter conhecido minha mãe, mas desde que implantaram a lei 39.183, há 18 anos, que dizia que 10 dias após o nascimento, as crianças deveriam ser mandadas para orfanatos para não estabelecer qualquer tipo de laço afetivo, não pude.

Naquele momento, com dois soldados à minha frente, só conseguia pensar em uma saída para não ter que lutar na guerra, mas, se eu fugisse e me achessem, eu morreria fuzilado.

Além disso, não tenho nenhum lugar para ficar, e se eu fosse encontrado na rua depois do toque de recolher, às 10:30, eu também seria fuzilado, além de que, de acordo com a lei 33.485, menores de 18 anos não podem ter contato com o mundo exterior. A não ser que

estivesse lutando na guerra. Me via sem nenhuma saída, era lutar na guerra ou morrer.

Os soldados me deram um papel e foram embora. Nesse papel, dizia que eu tinha que comparecer ao quartel em 7 dias. À noite, quando fui dormir, ou melhor, tentar, só conseguia pensar em tudo o que os soldados me disseram. Tinha que ter outra saída, isso não podia ficar assim, já havia me decidido que aquilo não poderia continuar.

Na manhã seguinte, eu iria organizar uma rebelião, afinal, não estava sozinho, porque todos os menores de 12 anos seriam obrigados a ir para a guerra, ou seja, mais da metade do orfanato, com 30.000 moradores. Infelizmente, no quarto em que eu dormia, só havia 300 moradores, mas considerando o rodízio de quarto da semana, não seria impossível! Esse rodízio acontece para não estabelecermos amizades com os outros moradores; nessa troca, todos os dormitórios se dividem em três grupos, um dos grupos permanecia no quarto e os outros dois eram dirigidos para outros dormitórios; e essa troca acontece daqui a dois dias, com todos os quartos.

O meu comparecimento ao quartel havia sido adiado para daqui a dois meses e 14 dias. Dito e feito, oito semanas e seis dias depois, faltavam apenas 8 dias para eu comparecer ao quartel, a notícia já havia se espalhado para todos os moradores, minha rebelião aconteceria durante o rodízio de dormitórios. Quando a troca estivesse acontecendo eu iria discretamente acionar o alarme de incêndio e todos seriam direcionados para a área externa do orfanato.

Quando todos já estavam lá fora com o gerador de energia do orfanato, eu o desliguei fazendo com que a cerca elétrica tornara-se inútil e inofensiva, e para minha surpresa, ninguém se preocupou em me esperar. Todos saíram feito loucos correndo e pulando o portão e a cerca elétrica, era tiro para todo lado. Consegui ver tudo pela janela quando estava descendo as escadas, me dirigi aos fundos, pulei o muro; de lá, encontrei os poucos que tinham conseguido pular o muro e não levar um tiro. Saí correndo com eles, mas, e logo atrás, vinham os militares nos seguindo e atirando em nossa direção, cruzamos um trilho de trem e

alguns de nós, incluindo a mim, conseguiram pular em um trem em movimento que estava passando na hora. Era um trem de carga, logo nos escondemos no meio das mercadorias, desceramos um pouco antes da parada para não sermos vistos, apesar de muitos terem morrido ou ficado para trás. Eu estava com meu melhor amigo ou, melhor dizendo, o meu único amigo. Quando não tinha ninguém olhando, conversávamos, afinal não tínhamos nenhum tipo de distração, diversão ou lazer. Passávamos o dia todo com placas para veículos militares.

Um pouco depois de descermos do trem, onze soldados fazendo a ronda nos encontraram e atiraram sem dó. Por sorte consegui fugir dos tiros e me esconder atrás de uma pedra. Quando eles se afastaram, tive coragem de abrir os olhos e vi meu melhor e único amigo deitado no chão com dois tiros no peito, tentei ressuscitá-lo, mas já era tarde, logo comecei a gritar de raiva e tristeza. No fundo naquele momento eu queria levar cinco tiros na cabeça. Assim que os soldados ouviram os gritos voltaram correndo e, para minha surpresa, não atiraram, me pegaram pelos braços com uma arma apontada para minha cabeça, me levaram para um tanque de guerra, me drogaram e, quando acordei, estava em meio à guerra, tiros para todos os lados. Eu tinha que sair dali, peguei uma arma de um soldado que havia sido morto, saí correndo, entrei na primeira barraca que eu vi e, sem pensar duas vezes, apontei a arma que tinha pego para a cabeça de um homem que vi na barraca e disse a ele que se não me tirasse dali eu atiraria na cabeça dele. Nisso, senti uma pancada forte na cabeça, caí no chão ainda meio consciente, senti seis pontadas no peito. Eu havia levado seis tiros.

E lá, deitado no chão, imerso em meu próprio sangue, só conseguia pensar, será que aquele seria o meu fim? Enquanto pensava, vi a minha vida inteira passar diante dos meus olhos, ouvi um som grave, acho que são tiros ou bombas em meio a uma guerra, acho que não poderia esperar outra coisa...

Na verdade acho que esse não seria só o meu fim, esse seria o fim de todos, o fim da humanidade. Da Guerra, ninguém foge, da Guerra ninguém sai vivo.



CONTOS DE JUVENTUDE: UTOPIAS E DISTOPIAS

1968: O sonâmbulo das 10



POR Théo Iazzetta

CAPÍTULO I

1968

Era lua cheia, o céu estava claro, acompanhado de uma leve garoa. O relógio soou 10 vezes, era 22:00 quando estava a caminho de casa, exausto, pois tinha acabado uma jornada azeda (não gosto de jornadas azedas). E como acabei de mencionar, não gosto de jornadas azedas! Cheguei em casa, cumprimentei o vizinho, seu Carlos, bebi um copo bem servido de cerveja e adormeci.

No dia seguinte acordei, cumprimentei seu Carlos com um pequeno sorriso e fui para o trabalho.

Voltei exausto e, como já era de costume, cumprimentei o vizinho com um rápido sorriso.

CAPÍTULO II

Alguns dias para o lançamento

Faltam alguns dias para o lançamento, acabei de voltar de um encontro familiar, o relógio

soou 10 vezes, voltei para casa, desta vez estava muito bem disposto. Cumprimentei seu Carlos com um olhar de desprezo, e de repente fiquei paralisado, pois toda aquela felicidade tinha acabado de esvaecer, e voltei a ficar exausto, bebi um copo de cerveja, dois, três, quatro copos, comecei a ficar com uma mistura de sentimentos cada vez mais dissimulados e estranhos, até que, de repente, sem a menor fresta de aviso, adormeci ali mesmo, sob a mesa de madeira da cozinha.

No dia seguinte desadormeci com um barulho alto e estridente, olhei para o lado e vi uma cena aterrorizante. Seu Carlos pendurado por uma mísera corda incrustada em seu pescoço e um nó de marinheiro, porém não me assustei, abri a porta de casa e...

CAPÍTULO III

Dia do lançamento (16 de julho de 1969)

Era de dia, o céu estava translúcido, o sol era de rachar.

Meu nome é --- e eu sou o 2º astronauta mais jovem a pisar em solo lunático, o lançamento foi efetuado com sucesso, e na vastidão do espaço. Voltei a ser assombrado por aquele sentimento, porém agora consegui identificá-lo, eu tinha



medo de ficar preso naquela rotina deprimente, odiava e temia esse sentimento, e, acima de tudo, comecei a ficar com um sono incontrolável, mas aquele sentimento era mais forte do que eu, e em um piscar de olhos adormeci

No dia seguinte acordei muito bem disposto, com o café da manhã e, como já era de se esperar, encontrei todos os tripulantes amarrados somente por uma mísera corda e um nó de marinheiro.

Tempos de revolta



POR Maria Julia Vieira

-P ai, como você era na sua adolescência ?

- Para que você quer saber disso?

- Algum tempo atrás eu fiquei pensando sobre como foram os adolescentes nos anos 60 e os de agora, dos anos 2000.

- Mas isso é para a escola ou suas amigas perguntaram ?- questionou o pai

- Não, pai eu só queria saber mesmo.

- Tá bom então...

São Paulo, Morro da Villa, 1964.

Eu tinha 16 anos, estava em uma festa de um dos meus amigos. Na casa tinha muita fumaça, bebida, drogas, música alta. Eu era assim, gostava dessa farra, de sair todo dia, não parava em casa, mas eu não era vagabundo,

trabalhava dia e noite para ajudar minha mãe e minha irmã.

Nossa família era muito pobre, mas altruísta. Minha mãe sempre queria ajudar a todos da comunidade, mas eu era muito egoísta, sempre queria tudo a meu favor.

- Nossa pai, você era muito babaca - disse a filha

- Ei! Eu mudei tá, deixa eu continuar - respondeu o pai

Mas tinha um lado meu que sempre gostei. Desde pequeno eu tinha uma vontade de lutar por alguma coisa, mas eu não sabia o que seria. Até que numa tarde, um dos meus amigos me levou para uma manifestação. Não sei o que aconteceu, eu senti alguma coisa diferente em mim, isso vai parecer idiota, era como se fosse uma chama. Uma chama que nasceu dentro do meu peito, mas também não era como se nunca tivesse sentido isso, era como se fosse ali o lugar que isso renascia.

A partir daquele dia lutei, lutei por mim, lutei por minha mãe, lutei pelos meus amigos, não foi uma luta fácil, ainda mais porque estávamos na época da ditadura militar. Não eram tempos bons; gritos, mortes a cada segundo e a violência era assustadora.

- Nossa, pai, você passou por tudo isso ?

- É... vivi coisas que jamais queria ter vivido.

- Tipo o quê ?

- Teve um dia que a rua estava muito movimentada, mas para nós isso já era comum.

Só que eu tive um pressentimento que alguma coisa iria acontecer, não sabia se era uma coisa ruim ou uma coisa boa, só pressentia.

Nós fomos mais perto da movimentação e nisso havia uma concentração de militares. Nós não estávamos entendendo nada, quando percebemos que eles estavam atacando as pessoas ao redor, nós corremos. Corremos muito, mas um de nossos amigos foi pego pelos policiais. Não sabia como isso tinha acontecido, mas lá estava ele, deitado no chão sendo abatido por civis.

- Caramba, que coisa horrível! - reclamou a filha

- E mais inacreditável foi que o motivo deles terem feito isso só com ele: ele era uma pessoa negra. Por causa da sua cor de pele ele foi violentado, isso é uma violência, uma grande violência.

- Eu imagino...

- Eu tinha 16 anos, foi um dos momentos mais assustadores que já presenciei, achava que naquele momento Gustavo iria morrer, eu não podia fazer nada, não poderia sair batendo no policial porque o pior iria sobrar para mim, mas não tive escolha. Ficar vendo ele ali no chão e não fazer nada, esse não era eu. Então eu voltei, corri até ele, e comecei a chutar o policial, por pouco não fui preso, só levei algumas

pancadas de cassetete, mas não sentia dor por isso, poderia fazer isso de novo e de novo, só para ajudar todos que amo.

Quando eu fiz 17 dei uma festa.

Mas não era uma festa qualquer, era a festa com tudo que eu tinha direito, trabalhei de segunda a sexta, das 5 horas da manhã até 23 horas da noite, só para conseguir uma grana a mais. Dei tudo de mim para isso dar certo, comprei bebidas, comidas, e até pedi a minha irmã para fazer um bolo, queria que tudo saísse perfeitamente. Todos estavam convidados, meus amigos, pessoas da vizinhança, literalmente todos foram convidados. Minha casa nem de longe caberia 40 pessoas dentro dela, mas tive a ideia de a festa toda se expandir para o bairro.

A festa já estava rolando, estava do jeito que eu planejei, estava feliz pra caramba, todos os meus amigos estavam lá, a música estava no estouro, todos estavam curtindo, eu estava curtindo.

Certo momento, eu estava conversando com meu amigo e um cara que eu nunca tinha visto na comunidade chegou em mim e me ofereceu, cocaína, balinha, MD, heroína, maco-nha, todo tipo de droga. De primeira, recusei. Depois, parei para pensar: por que não? Por que não curtir mais um pouco? Por que não ficar feliz mais um pouco? Então aceitei.

Mas eu exagerei, passei dos limites, não sabia o que eu estava fazendo, mas fiz. Bebi até não saber onde estava, usei até não saber meu nome, fumei até tudo ficar escuro.

Quando acordei só enxergava uma luz, luz de hospital. Por que estava no hospital? Lembro que a porta se abriu e saiu um médico perguntando como eu estava, se me sentia bem, disse que sim, mas não sabia o que estava acontecendo, disse ele que tive uma overdose. Eu me apavorei, nunca tinha passado dos limites igual aquele dia. “Mais eu vou morrer doutor?”, eu perguntei sentindo tanto medo do que minha mãe iria falar quando eu



chegasse em casa. O médico respondeu que não, mas que se eu continuasse com isso, eu poderia acabar mal.

Quando eu cheguei em casa a primeira coisa que vi foi a minha mãe, sentada no sofá devastada em choro, quando ela me viu só sabia gritar, era um intervalos de gritos e tapas que eu comecei a chorar junto com ela, dizendo que nunca mais iria fazer isso na minha vida, que este dia tinha ido do céu para o inferno em questão de segundos. Nós conversamos depois que o susto já tinha passado, ela dizendo que para eu nunca mais dar um susto nela desses de novo, disse para eu me cuidar melhor, que se acabasse fazendo tudo isso regularmente eu iria acabar matando eu e ela ao mesmo tempo.

-Eu acho que esse foi o momento que nunca vou esquecer, a parte da festa foi incrível, mas da minha quase morte não tanto assim -disse o pai.

- Eu sinto dó da vovó! -exclamou a filha.

- Eu também, eu não era uma pessoa fácil - respondeu o pai.

- Mais pai como você era em relação aos estudos? - perguntou ela

- Eu era uma desgraça, nunca prestava atenção em nada nas aulas, sempre ficava bagunçando quando eu ia pras aulas, porque quando eu cabulava, ficava fumando atrás da escola ou pulava muro pra ir em manifestação. Mas eu me dei conta que seu eu não seguisse um rumo pra minha vida, eu iria acabar ficando ali, não teria um futuro digno para mim, e foi aí que comecei a estudar mais, ir nas aula, mas também não significava que eu já era um aluno exemplar, eu ainda dava umas fugidinhas, mais a cada dia mais eu me esforçava um pouco.

- Você é um ótimo exemplo para se seguir, hein? - brincou a filha.

- Olha, devo confessar que sim - respondeu ele ironicamente. Mas sinto saudade dessa época, foram tempos de aprendizados e Revolta.

Quase morri na ditadura militar...



POR Pedro Couso

Esse foi o título que eu inventei para chamar sua atenção. Mas, agora, vamos até o meu cérebro para encontrarmos as minhas memórias mais profundas, verdadeiras e sinceras sobre a minha vida...

Integraram uma espécie de cabo com fios saindo de suas extremidades onde havia câmeras, microcâmeras com uma nano-tecnologia estudada por vários anos e desenvolvida pelo

governo americano, e também conectores com a mesma procedência. Tinham visão de tudo o que eu sentia, pensava e lembrava, tudo. Foram para o auge da minha vida.

Bons tempos, quando eu protestava contra o regime militar e sentia a emoção de estar lutando pelos direitos do povo, a vibração de nossos corpos com os efeitos das bombas de gás, dos socos e tapas em nossas cabeças, o fervor do sangue que corria em nossas veias, que era nosso último recurso quando tínhamos que ficar horas em pé sem comida e sem proteção.

Isso não parece uma época boa, mas era uma vida fora do “automático”, onde a gente pensava por si próprio, agíamos por conta própria e

juntos. Diferente de hoje, em que tudo tem lugar, hora, jeito, limites, regras e solidão.

O momento histórico a que minha memória se refere é o da Ditadura militar aqui no Brasil, meu país de nascimento, lugar de cultura e alegria, mas que, por 21 anos, sofreu de opressão, repressão e censura. Durante esse processo traumático, o Brasil teve 5 mandatos militares e estabeleceu 17 atos institucionais, mecanismos legais que se sobrepunham à liberdade, reprimindo e censurando os opositores do regime.

Sabe, era uma época aqui no Brasil que era imprescindível lutar...E tudo começou com um golpe civil-militar, realizado em 1964. A essa altura, é possível que você esteja se perguntando como era a vida no período da ditadura militar...



A economia foi bem por um tempo. Entre 1964 e 1985, o Brasil se modernizou, mas a desigualdade social só aumentou, foram tempos difíceis. Imagina quantas crianças, adolescentes, adultos e idosos ficaram sem seus parentes, que foram presos e também torturados em *pau de arara* – os prisioneiros eram suspensos por barras de metal (ou madeira). As barras enfiadas entre as pernas e os braços dobrados, deixando o torturado em uma posição muito dolorosa, choques elétricos... Essa máquina dava choques em torno de 100 volts, afogamento... e tudo isso vendo o seu país desmoronar.

Basta, essas memórias me doem. Graças a deus, nenhum parente meu foi preso ou torturado, mas tive amigos que não tiveram a mesma sorte.

Um sentido talvez iminente



POR Cora Monte

Eu fugi, fugi e não planejo voltar. Nunca amei aquelas pessoas que moravam juntas e tinham a coragem de se denominarem como família. Não suportava como se achavam superiores a qualquer um com um dígito a menos em sua conta bancária.

Estou numa rodoviária, com apenas duas sacolas e uma mochila, aquilo tudo seria minha mudança. Por mais que eu ame Salvador, com todas as minhas forças, não podia ficar ali, não enquanto sou menor de idade e com, provavelmente, a polícia à minha procura, não podia ficar.

Deço do ônibus, estava exausta e não dormi nada durante a viagem. Tento achar alguma pessoa que possa me levar até meu destino final, não vejo ninguém, percebo que terei de ir a pé, mas não sei se consigo, pois a exaustão está dominando aos poucos meu corpo, e minha guitarra e meus discos já começam a pesar em minhas costas.

Eu só queria chegar logo em algum lugar em que pudesse morar em comunidade em paz, sem me preocupar se estou gastando de mais ou algo do tipo. O que me for possível de ter no

lugar, já me será de bom tamanho, só quero viver em paz e finalmente ser livre.

Não conseguia ver mais um palmo à minha frente, tanto pela falta de luz quanto pelo cansaço. Decido parar ali mesmo. Remexo no bolso de minha saia e encontro uma última pastilha de LSD, sinto a mesma em minha boca.

Começo a sentir a substância penetrar meu organismo, perco a noção de meu corpo e do meu entorno. Me vejo do mesmo jeito que estava minutos antes de fugir, a minha clássica regata verde musgo, uma saia azul marinho com detalhes florais e, nos pés, minha papete surrada de sempre. Me via como se estivesse em cima de um espelho d'água, não tinha nenhum vento e eu estava completamente seca, mas meus cabelos se mexiam como se estivessem submersos no meio de todo aquele breu, sendo a única luz presente a do meu próprio corpo.

Aparecem “flashes” de minhas últimas semanas, me vejo com meus amigos e logo a culpa me penetra por não tê-los avisado. Se eu chegar a algum lugar mandarei uma carta me desculpando por tudo e sobre a importância de cada um em minha vida.

Vida, começo a pensar sobre o que é a vida. Eu quero viver? Ou só vivo por sobrevivência? Penso em uma lâmina cortando meu pescoço e sinto um alívio repentino em pensar que não terei que me preocupar com nada, afinal já estaria morta. Percebo que em todos esses anos nunca vivi por querer, e sim por ter que viver. O efeito do LSD passa e, antes mesmo de recobrar total consciência, caio no sono.

Quando finalmente abro meus olhos, sinto o sol escaldante em minha pele e trato de sair logo dali e ir para um lugar melhor. Começo a ouvir um barulho de água e logo chego a um córrego com várias árvores em volta, era exatamente o que eu precisava. Como um dos sanduíches que tinha na mochila, decido tocar guitarra, já que não tinha nada melhor para fazer, logo o som dos acordes de Eleanor Rigby

tomam meus ouvidos e percebo mais uma vez o quanto amo essa música.

A cada verso cantado, percebo que, como ela, tenho muitas faces que vão surgindo e se amontoando a cada situação. Como ela, não tenho um propósito claro, como ela, serei esquecida pelo mundo ou talvez reste o amargor da minha família pelos meus atos, mas, como tudo e todos, um dia será esquecido.

Nunca me entenderei por completo, mas sei que pouco a pouco entenderei partes do que sou. Posso afirmar isso porque, só nesse pequeno percurso, entendi de mim mais do que entendia há anos.



CONTOS DE JUVENTUDE: UTOPIAS E DISTOPIAS

Felipe Alves Andreta



POR **Eduardo
Canella**

“Meu nome é Felipe Alves Andreta, mas todos me chamam de Fê. Morava num bairro da periferia do Rio, repito, morava, meio que eu saí de casa e fui morar com meu tio com apenas 13 anos. Bom, a história é a seguinte. Minha mãe morreu no meu parto, então, meu pai não me curti muito, tanto que ele se casou de novo e eu ganhei um meio-irmão, Miguel. Lúcia, a esposa do meu pai, pegou todo o pouco dinheiro que ele tinha e fugiu, deixando o pobre Miguel com a gente.

Meu pai amava o moleque, só que depois de perder as duas mulheres ele começou a beber e a trabalhar com gente da pesada e se tornou meio agressivo. Nessa mesma época, conheci o irmão da minha mãe morta. Meu tio era muito gente boa e a gente passeava pra cacete, curti muito e tal, mas sempre que eu chegava em casa, meu pai tava bêbado e puto.

Certo dia, cheguei em casa e meu pai tava no seu ápice, quebrando tudo e gritando com o Miguel. Eu vi aquilo e gritei:

- “Para com essa porra, pai, ele tem só 6 anos!”

Meu pai tava bufando, virou pra mim e eu tremi. Ele emanava ódio, parecia um demônio com uma garrafa de cachaça na mão. Então, cheio de raiva, ele disse com os olhos vidrados:

- “O que disse garoto?”

Se aproximou, olhou na minha cara e gritou:

- “O que você disse, seu escroto do cara-lho!? O QUE VOCÊ DISSE!?”

Me deu uma garrafada, eu desmaiei.

Acordei umas horas depois, minha cabeça tava doendo, eu tava tonto e a única coisa que eu via era a luz do sol entrando pela pequena e retangular janela do meu sujo quarto.

Eu, todo fudido, só conseguia ouvir os latidos dos cachorros e, cortando esse som, um grito do meu pai:

- “Felipe, seu porra, acorda!”

Aí eu lembrei da noite passada. Escalei a janela retangular. Meu quarto era embaixo da terra, então saí direto me rastejando pra sair da janela, olhei pra frente e vi a peste que tava latindo me encarando com raiva salivando.

POW – a porta abriu com tudo e o meu pai gritou:

- “Vou te pegar, seu vagabundo!”

Me levantei e saí correndo e o cachorro foi atrás de mim e meu pai apareceu. Eu desci o morro até passar por um tiroteio, pra não entrar nessa putaria, eu virei a rua e bati de cara pra polícia, que me prendeu obviamente porque todo favelado é bandido, filhos da puta.

Chegando na delegacia perguntaram por um responsável pra me buscar, como não poderia voltar pra casa por causa do meu pai, passei o número do meu tio e comecei a morar com ele.

Agora já se passaram três anos e eu tive algumas fases, como, por exemplo, ano passado. Eu

era hippie, mas os caras eram muito paz e amor e, como meu objetivo era quebrar meu velho na porrada, me afastei deles e passei desse tempo pra cá meio sozinho até que comecei a andar com a galera punk. E esses caras, sim, me ajudariam a destruir meu pai e aí, sim, eu poderia salvar o Miguel. Meu tio não gostou nada da ideia e disse que os “caras da pesada” que eu falei com quem meu pai trabalhava eram uns traficantes loucos e que, provavelmente, eles estariam com ele e uma gangue de adolescentes não conseguiria ir contra esses bandidões. Então, como ele era boxeador, sugeri que chamasse uns amigos fortes. Ele falou que não ia rolar, mas, se eu queria tanto assim buscar o Miguel, ele me levava. Peguei uns tacos de beisebol e fui. Achava os punks meio loucos mas, depois que chegamos lá, e eu entreguei os tacos, tive certeza, porque, subindo o morro, um deles deu uma tacada num trafica e aí deu b.o porque o cara tava armado e atirou contra a gente; e um outro punk ligou um Kiss e, com aquele barulhão, meu pai ouviu, me viu e chamou os amigos um segundo depois. Tiro pra todo lado. Eu corri até onde tava meu pai e quase levei bala, mas acertei uma tacada nele. Ele fugiu pra casa, eu entrei e não via ele, muito menos o Miguel. Então gritei:

- “Miguel!”

Meu pai apareceu atrás de mim e disse risonho:

- “Eu matei o Miguel depois que você fugiu igual uma mulherzi...”

POW! Eu matei meu pai ouvindo Kiss... o Miguel também, quer saber... cansei.

Isso foi encontrado no celular de um dos corpos na casa de Jorge Alves de Jesus, pai de Felipe Alves Andreta, comissário.

RESENHAS CLUBE DO LIVRO



O bom filho, de You-Jeong Jeong

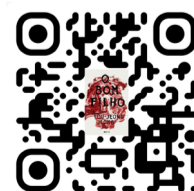
O bom filho conta a história de um jovem sul coreano de 25 anos chamado Yu-Jin, que vive uma vida aparentemente normal com sua mãe e seu irmão adotivo, Hae-Jin. Certo dia Yu-Jin acorda sentindo um forte cheiro de sangue, que é descrito como “um cheiro incrivelmente intenso, como se não o absorvesse apenas pelo nariz, mas pelo corpo inteiro”. Ele já está acostumado com esse cheiro, já que sofre de frequentes ataques epiléticos. Porém, andando por seu luxuoso duplex, ele encontra o corpo ensanguentado de sua mãe ao pé da escada. Aos poucos, vai recuperando sua memória dos dias anteriores e a explicação para tudo isso vai sendo revelada.

O livro é narrado em primeira pessoa, da visão do protagonista desesperado por respostas, sem saber se está envolvido no crime e, ao mesmo tempo, com medo de contar para outra pessoa e acabar como culpado do assassinato da própria mãe.

Eu sempre gostei desse gênero literário, suspense, *thriller* psicológico. O livro é muito bem escrito e consegue colocar o leitor numa atmosfera de mistérios que o mantém preso do começo ao fim. Eu, particularmente, achei sensacional e não é à toa que é meu atual livro favorito.

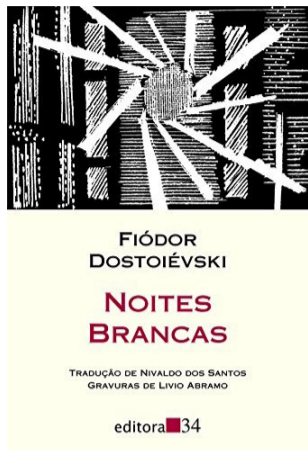
A autora, You-Jeong-Jeong, é uma escritora sul-coreana nascida em 1966. Após escrever *O bom filho*, ela ficou conhecida como Stephen King coreana. Imagino que ela tenha pesquisado bastante sobre a psicopatia para escrevê-lo ou quem sabe ela mesma não seja uma psicopata! É, You-Jeong-Jeong, essa sua carinha não me engana, não!

Ouçã o
podcast
da resenha:



POR **Tomé Figueiroa**

RESENHAS CLUBE DO LIVRO



Noites brancas, de Fiódor Dostoiévski



POR Amélie Belo

Imagine você: solitário, sem nenhum amigo; seu refúgio é falar com as ruas, com as casas, porque você não tem absolutamente ninguém para conversar.

Agora, imagine você fazendo isso, andando pelas ruas de São Petersburgo, uma cidade da Rússia, fria, e você sozinho prestes a se suicidar de tanta solidão.

Mas, de repente, você conhece alguém, tão sozinho quanto você, que te entende e que quer conversar com você. Qual seria sua reação? O que acharia disso? Você iria gostar? Interessaria-se pela pessoa? Acharia estranho?

Essa é uma das muitas perguntas que me fiz ao ler o começo do livro, mas calma, essas perguntas serão respondidas, apenas espere.

O que acabei de descrever aqui era a vida de um homem desconhecido, do começo ao fim.

Tudo começa com o desconhecido voltando do campo, contando como seu cotidiano era monótono e quão solitário ele era. Quando, de repente, ele avista uma moça chorando, apoiada em uma ponte.

Ele tenta falar com ela, mas não obtém resultados, até outro homem chegar e tentar atacar a moça, até então sem nome; logo, o desconhecido corre para protegê-la.

Salvando a moça, ela o agradece e acabam se conhecendo, tendo uma longa conversa e até se abrindo um com o outro. A partir daí, os dois marcam de se encontrar na próxima noite e nos dias seguintes, no mesmo horário e no mesmo lugar. A moça, agora chamada Nastenka, com sua ingenuidade encantadora, conta sobre sua vida, dores e sentimentos, enquanto o desconhecido é um belo ouvinte. E mesmo com poucos encontros, sentem que se conhecem muito bem e há muito tempo.

Porém, esses encontros não duram para sempre, algo deve mudar. O que aconteceu? Por que não podem mais se ver? Como era a relação deles?

Para saber o que aconteceu, leia o livro!

Gostei muito de *Noites brancas* pelo fato de conseguir entrar na história pela narrativa, que é feita em primeira pessoa, pelo próprio desconhecido. Sei que estou lendo, mas parece que

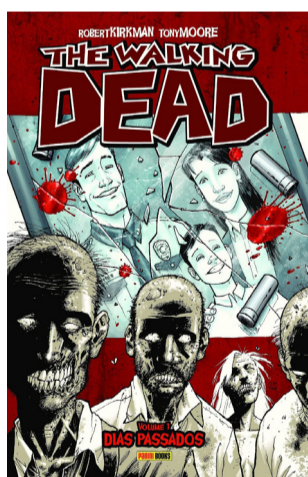
estou escutando e sentindo a melancolia em sua fala; a cada frase você se emociona, sente realmente na pele, parece mágica, você entra no embalo da história de uma forma que parece que você está vivenciando aquilo.

Uma frase que me chamou muita atenção e achei muito bonita, forte e significativa, foi: “E mesmo que já a amasse há vinte anos, não a amaria tanto quanto agora.” Aí vai uma dica para responder minha pergunta...

O livro *Noites Brancas* foi escrito pelo autor russo, aclamado pela literatura, Fiódor Dostoiévski. É um romance curto e envolvente, pois sentimos as aflições, dores e sofrimentos dos personagens. O título do livro retrata a paisagem de um fenômeno natural comum na cidade de São Petersburgo, na Rússia; por conta desse fenômeno, as noites, em determinada época do ano, ficam claras, como se o sol não se pusesse e as noites ainda fossem dia. Por isso o título *Noites Brancas*.

São Petersburgo é a cidade onde mora o personagem e o próprio autor do livro.

Geralmente, os livros de Dostoiévski são mais pesados, sempre escrevendo coisas muito fortes e abalantes, mas esse livro é considerado uma obra um pouco diferente do autor, uma coisa mais leve, ainda que melancólico, afinal, teria que ter o toque do autor no livro, não é?



Os mortos-vivos: dias passados vol.1

Imagine você acordar de um coma depois de ter sido baleado em uma perseguição policial e perceber que está tudo estranho: você está preso sem ninguém no hospital e se depara com os médicos, pacientes e visitantes, mas não da mesma forma que você imagina, pois eles viraram mortos vivos, zumbis!

Você obviamente entra em pânico e tenta fugir daquele pesadelo real.

Esse é só o começo dos HQs que deram início à série *The Walking Dead*. Como qualquer livro que virou série, há diferenças entre os dois. Por exemplo, no início dos HQs não tem o Daryl, um dos personagens mais inteligentes, fortes e amado pelo público, nem o seu irmão, que já nem é tão importante assim. Mas essas pequenas diferenças é que fazem ser divertido ler a história mesmo já tendo visto a série, ou também ser bem divertido, misterioso e aterrorizante para quem

for embarcar nessa tão conhecida e temida história de *Mortos-Vivos*.

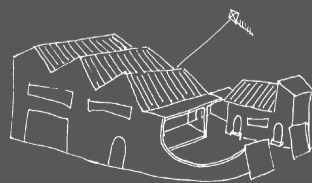
É uma ótima coleção para ler rápido. Contém 18 volumes, contando a história de *The Walking-Dead*. Vamos concordar que é bem melhor do que assistir a onze temporadas de dezesseis episódios de 40 minutos. Os quadrinhos são em preto e branco, combinando com o clima da história.

Nesse clima apocalíptico com cenário desértico, parecendo depois de uma guerra, Rick Grimes tem o objetivo de encontrar a sua família e, principalmente, sobreviver!

Nós recomendamos muito esse livro para pessoas que gostam de algo em um clima apocalíptico, ou até um suspense. Como a leitura é muito fácil e rápida, dá para ler em qualquer hora e em qualquer lugar. E uma coisa nós podemos garantir... É de matar!



POR Vini Dogo



FOLHA COOPERATIVA • NÚMERO 3 • FICHA TÉCNICA Conselho Editorial: Beatriz Feijó, Raul Moldan, Amélie Belo, Eduardo Canella, Maria Julia Vieira, Tomé Figueiroa, Pedro Couso, Cora Monte, Eduardo Canella, Ana Cuara Cavalcante, Théo Iazzetta, Vinícius Dogo, Eva Bosquê, Kathleen Oliveira, Nina Menezes, Luísa Prado, Teresa Figueiredo. **Equipe técnica:** Caetano Romero e Matteo Morettini. **Equipe de produção:** Tarsila Garófalo, Iara Rosalem, Isadora Alencar e Juliana Lima. **Professora responsável:** Danielle Maciel. **Apoio revisão:** Taiguara Oliveira, Luciana Costa e Luís Braga. **Diagramação:** Natália Tudrey.